

UNIDADE E DIVERSIDADE EM ANÁLISE DO DISCURSO¹

Maria Alexandra Guedes Pinto²

Introdução

Este livro coletivo partiu de um conjunto de questões sobre a área científica da Análise do Discurso. As perguntas colocadas aos autores - o que é estudar discurso na contemporaneidade; o que motiva cada pesquisador a estudar discurso; qual a relevância de estudar discurso; o que caracteriza um pesquisador dos estudos do discurso? - instigavam a uma verdadeira reflexão sobre o percurso de cada um como investigador na área.

Na procura de respostas, elegi uma das problemáticas que tem marcado o meu trajeto e que poderei enunciar da seguinte forma: como deve o investigador e o professor de Análise do Discurso lidar com a diversidade teórico-metodológica que caracteriza a área?

Esta é uma questão que me instiga, como docente e como pesquisadora, por motivos que clarificarei nas secções que se seguem, onde tentarei dar uma resposta, pelo menos parcial, para o problema.

Assim, na secção 1 e respetivas subsecções, traçarei um quadro breve sobre a **Diversidade** na Análise do Discurso, refletindo sobre alguns dos fatores que estão na origem desta diversidade, tais como, 1.1 a natureza do objeto *discurso*; 1.2 a História da Análise do Discurso; 1.3 a Análise do Discurso como um domínio científico ou

¹ A presente investigação foi apoiada por fundos nacionais portugueses atribuídos pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (Portugal) ao Centro de Linguística da Universidade do Porto através do programa de financiamento FCTUIDB/00022/2020.

² Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Centro de Linguística da Universidade do Porto. mapinto@letras.up.pt

como uma metodologia e 1.4 a Análise do Discurso como um domínio científico de vocação descritivo/explicativa ou crítica. Ainda nesta secção, em 1.4.1 demonstrarei como podem diferentes orientações de análise materializar-se em estudos aplicados complementares.

Na secção 2, terminarei com alguns apontamentos sobre uma possível perspetiva de **Unidade** nesta área científica.

1. Análise do Discurso: Diversidade

O avanço na carreira académica e a consciência crescente da abrangência da Análise do Discurso e dos Estudos do Discurso³ implicaram o aparecimento de algumas inquietações na minha atuação como docente e como investigadora.

Posso, claramente, identificar, como grande razão para estas inquietações, a dispersão de escolas, tendências de análise, referenciais teóricos e propostas metodológicas conviventes na área, frequentemente não-dialogantes entre si.

Em 2005, já Maingueneau declarava, abertamente, esta dispersão como um facto incontornável:

Aujourd'hui, quand on parle d'analyse du discours on ne peut plus ignorer que cette étiquette recouvre dans le monde entier des travaux d'inspirations très différentes. On a beau multiplier les synthèses, les présentations, les mises au point, l'analyse du discours reste extrêmement diversifiée. (Maingueneau, 2005: 2)

Desde a data da afirmação de Maingueneau até ao presente, a situação não se alterou, sendo as "sínteses, apresentações, notas de

³ Por vezes, ao longo desta exposição, usarei as siglas AD e ED para referenciar, respetivamente, a Análise do Discurso e os Estudos do Discurso. Tenho consciência de que os conceitos não remetem necessariamente para o mesmo significado, todavia, para efeitos do presente trabalho, tratá-los-ei como equivalentes.

esclarecimento”, tentativas sempre fracassadas de impor ordem numa enorme variação.⁴

A dispersão na área de estudos resulta de vários fatores. Enunciarei quatro dos mais relevantes.⁵

1.1 O objeto *discurso*

Um dos fatores mais influentes para a dispersão de abordagens registada na Análise do Discurso é a complexidade do próprio objeto *discurso*, de definição não consensual entre as várias escolas de pensamento.⁶ Por um lado, a possibilidade de materialização deste objeto em textos orais, escritos, multimodais, de vários tipos e gêneros, contribui fortemente para a sua instabilidade epistemológica. Por outro lado, embora o *discurso* seja, de todas as unidades de estruturação e análise das línguas

⁴ Em 1995, Maingueneau confessava já o seu desconforto face à heterogeneidade da área da AD: “En abordant ainsi l’analyse du discours dans sa diversité, nous nous plaçons par là même dans une situation inconfortable. Si l’on reconnaît pour analyse du discours toutes les recherches qui se disent telles, on comprend que pour beaucoup cette discipline n’en soit pas une, tant elle apparaît hétérogène. Elle semble prise dans la même logique de prolifération que son objet, le discours, qui se diversifie à l’infini en fonction des moments et des lieux d’énonciation : les études sur le discours sont aussi du discours.” (Maingueneau, 1995: 5).

⁵ Charaudeau e Maingueneau ((2004) 2016: 45-46) propõem 4 grandes polos de estudos dentro da Análise do Discurso: “Pode-se, entretanto, distinguir alguns grandes polos: (1) os trabalhos que inscrevem o discurso no quadro da interação social; (2) os trabalhos que privilegiam o estudo das situações de comunicação linguageira e, portanto, o estudo dos gêneros de discurso; (3) os trabalhos que articulam os funcionamentos discursivos com as condições de produção de conhecimentos ou com os posicionamentos ideológicos; (4) os trabalhos que colocam em primeiro plano a organização textual ou a seleção de marcas de enunciação”. Referir-me-ei a estes eixos de divergência dentro dos estudos de Análise de Discurso, neste capítulo, embora optando por uma arrumação diferente.

⁶ Schiffrin, Tannen e Hamilton (2015: 1) aludem à abundância de conceptualizações de *discurso* na introdução da obra *Handbook of Discourse Analysis*: “So abundant are definitions of discourse that many linguistics books on the subject now open with a survey of definitions.”

(som, palavra, frase), a manifestação natural, empírica, das línguas naturais⁷, a sua íntima relação com o contexto de enunciação dificulta uma apreensão isolada e um recorte formal.⁸ A natureza contextual do próprio sentido, sempre altamente instável, probabilístico e negociável - "Words do not have meaning; they have uses." (Wittgenstein, 1953: 43) – incrementa a complexidade do *discurso* como unidade de análise.⁹

Determinado por e orientado para o contexto, o discurso tem uma vocação acional, que não pode ser ignorada, tal como bem salientaram Charaudeau e Maingueneau ((2004) 2016: 382-383), quando destacaram as principais propriedades deste objeto. O discurso é regular e regulado, possui uma organização transfrástica, simultaneamente textual e contextual; o sentido do discurso é construído em contexto, não pré-existe; o discurso é influenciado pelo seu contexto de produção, mas também contribui para o definir e modificar; o discurso é, pois, orientado e acional; o discurso é subjetivo, no sentido em que tem origem num

⁷ Veja-se o que diz a este respeito Fonseca: "Representariam essa teoria e esse modelo [o modelo da Linguística do Uso ou do Funcionamento do Sistema] uma resposta à verificação empírica imediata de que as produções verbais se apresentam não como frase, mas sim como "connected discourse", como texto. Este, e não a frase, constituiria verdadeiramente o «domínio natural» da teoria linguística e de um modelo adequado à descrição-explicação dos produtos verbais, já que decididamente, o texto é o signo linguístico «originário», isto é, não decorrente da teorização linguística, antes, espontânea e naturalmente actualizado na interacção verbal." (Fonseca, 1992: 29).

Saliente-se que, para Fonseca, o *texto/discurso* constitui uma unidade só.

⁸ Coincidem nesta interpretação todos os autores que estudam a unidade *discurso* na atualidade. van Dijk, por exemplo, defende o *discurso* como: "O (...) uso real da linguagem, por locutores reais em situações reais." (van Dijk, 1985:1)

⁹ Fairclough (2001: 230) regista que o significado das palavras é sempre composto por uma componente potencial, estável, convencional e dicionarizada – "a gama de significados convencionalmente associados com a palavra, que um dicionário tentará representar" - e uma componente contextual ou discursiva, dependente do contexto, de relações culturais instituídas, ou negociadas, altamente instável e probabilística e que acaba por afetar a componente do significado potencial. A parte contextual do sentido é culturalmente construída e, portanto, ideológica.

enunciador e transporta, por isso, em maior ou menor grau, marcas dessa enunciação; o discurso é interativo e dialógico, já que toda a enunciação pressupõe a presença de um Tu a quem o enunciador se dirige e por referência a quem constrói o seu discurso e pressupõe a existência de outros discursos com os quais ele estabelece um “diálogo” efetivo ou virtual.¹⁰

Ao conjunto de características intrínsecas que o definem como objeto complexo soma-se, ainda, a sua dinamicidade no tempo, já que ele evolui e muda por influxo do contexto, tal como salienta Cameron: "The study of discourse requires a flexible and open-ended approach, as the object of analysis is constantly shifting and changing in response to social, cultural, and historical developments." (Cameron, 2001: 7)

Um objeto dinâmico e pluridimensional convoca uma abordagem flexível e multidisciplinar, facto realçado por van Dijk num artigo em que retrata justamente a multidisciplinaridade da Análise do Discurso: o *discurso* é um objeto complexo, dinâmico, caracterizado por múltiplos níveis de análise, interligações intrincadas entre elementos linguísticos e não linguísticos, e a ligação com o contexto social, cultural e histórico em que ocorre. (van Dijk, 2011: 1)

1.2 A história da Análise do Discurso

Diretamente decorrente da natureza epistemológica do objeto *discurso* anteriormente referida, surge a própria história da integração deste objeto no domínio científico da Linguística. A natureza contextual desta unidade, desde sempre reconhecida, nomeadamente pelos “fundadores” da chamada “Linguística

¹⁰ Propriedades extraídas e adaptadas de Charaudeau e Maingueneau, ((2004) 2016: 382-383).

moderna”¹¹, conduziu a que só mais recentemente ela tenha sido aceite como objeto científico.¹²

A dispersão que continua a caracterizar a Análise do Discurso resulta, também, da própria génese ou “história de vida” do estudo do *discurso*, que, puxado simultaneamente por várias áreas do saber das Ciências Sociais e Humanas vizinhas da Linguística, acabou por conservar, na sua natureza fragmentada, traços da sua génese dispersa. Maingueneau resume esta génese da forma seguinte:

A meu ver, as correntes como a etnografia da comunicação, as correntes pragmáticas, a linguística textual ou as problemáticas de Foucault participaram sem saber do desenvolvimento desse agrupamento de pesquisas que se encontram hoje em dia sob o rótulo de Análise do Discurso. (Maingueneau, 2006: 1-2)

As pressões para a abertura da Linguística à integração do *discurso* vieram, na verdade, de dentro e de fora da área. Como bem colocam Fonseca e Fonseca:

A Linguística começa assim (com nomes como Coseriu, Jakobson e Benveniste, já referidos) a sentir a necessidade de analisar a fundo o acto de fala, a situação de enunciação, a «subjectividade» da

¹¹ Não há forma de resumir a História da Linguística moderna numa nota de rodapé a não ser recorrendo a uma simplificação, sempre inevitavelmente excessiva. Limito-me, assim, a deixar a observação de que duas das dicotomias clássicas da chamada “Linguística moderna”, estruturalista e pós-estruturalista, provêm de Saussure – língua e fala – e de Chomsky – competência e performance –, sendo que, com as suas diferenças, qualquer um dos dois autores, profundamente influentes na Linguística contemporânea, preterem o estudo do uso da língua em favor do estudo da língua e da competência linguística.

¹² Tomo, neste trabalho, a aceção de *discurso* como sinónimo de *fala*, dentro do binómio clássico de Saussure entre *língua* e *fala*. A proposta de Roulet parece-me uma definição viável para esta unidade de análise: “Utilizo o termo *discurso* de maneira genérica para designar todo o produto de uma interação predominantemente linguística, seja dialógica ou monológica, oral ou escrita, espontânea ou fabricada, nas suas dimensões linguística, textual e situacional.” (tradução minha de Roulet, 1999: 188).

linguagem (no sentido que lhe dá Benveniste de apropriação da linguagem por um sujeito), o discurso e as dimensões nele implicitamente presentes. Paralelamente, convergem nesta tarefa outras ciências humanas como a semiótica, a filosofia, a sociologia, a etnografia, a psicanálise – todas movidas pela necessidade de análise da actuação humana a vários níveis. Como ponto comum a todas estas orientações da investigação, que aqui referimos particularmente à filosofia analítica, à etnolinguística, à sociolinguística, à etnografia da comunicação, à pragmática, encontramos o facto de o seu objecto ser sempre a linguagem associada ao comportamento em geral do homem no seio das comunidades ou, inversamente, este comportamento associado à linguagem. Convirá, no entanto, observar que a tentativa de descrição da linguagem em perspectivas mais vastas que aquelas que se concretizam na simples caracterização do sistema formal pelo levantamento das unidades e das regras da sua combinação esteve sempre presente, sob formas diversas de valor e alcance desiguais, na reflexão linguística. (Fonseca & Fonseca, 1977: 75-76)

Conforme destacam os autores, além dos estímulos externos de áreas afins, houve uma movimentação interna da Linguística para incorporar o *discurso* na sua reflexão. Pesquisadores como Benveniste, com os estudos sobre a *deixis* e a enunciação; Jakobson, com a proposta do esquema da comunicação e das funções da linguagem; Labov, com a abordagem sistemática da variação; Bahktin, com a defesa do carácter eminentemente social e interacional da linguagem, do signo e da enunciação, pressionaram a Linguística a adotar uma abordagem contextual e a estudar a *fala* e as interações da língua com a sociedade a partir de dentro da própria Linguística.¹³ Na década de 70, em Portugal, Fonseca e Fonseca, principais impulsionadores da introdução das novas

¹³ Como salvguardei acima na nota 9, não há forma de fazer a história de uma Ciência se não através de uma simplificação. Ao dar voz aos autores referidos, silencieei muitos outros que foram igualmente importantes na abertura dos estudos da linguagem em direção a uma *Linguística do Uso* (ver conceito de *Linguística do Uso* em Fonseca, 1992).

correntes no país, refletem sobre os impasses a que a Linguística chegara:

A correcta avaliação, que nos últimos dez anos particularmente se reforça, das dimensões da linguagem articuladas ao uso tem, por sua vez, coordenadas muito diversas. De entre todos, surgem-nos como decisivos os seguintes factores: em primeiro lugar, o impasse a que a investigação chegou no que respeita à Semântica ou ao estudo do significado; em segundo lugar, a constatação de que a frase é uma unidade linguística de extensão muito restrita e de que o exercício normal se realiza através de unidades mais vastas que suscitam estruturas e mecanismos para além dos contidos e realizados nos estreitos limites da frase; o já referido reconhecimento inevitável do óbvio que constitui a verificação de que há no uso individual da linguagem evidentes regularidades que urge captar para o esclarecimento do fenómeno linguístico; finalmente, a necessidade de esclarecer categorias e instrumentos cujo estatuto não se deixa captar totalmente nas dimensões reveladas pela investigação do sistema formal. (Fonseca & Fonseca, 1977: 75)

Assim, ao estatuto epistemológico multifacetado do *discurso*, referido na secção 1, acresce a história da área científica que o elegeu como objeto de estudo, história marcada por uma indefinição de fronteiras e uma pulverização por áreas científicas diversas.¹⁴

Maingueneau distingue vários princípios de agrupamento das pesquisas na área, reconhecendo que a imbricação entre elas produz uma paisagem confusa e instável:

¹⁴ Veja-se o contributo de Barros para resumir esta génese dispersa: “Em síntese, as diferentes teorias pragmáticas, textuais e discursivas trazem novas posturas e objeto aos estudos da linguagem, na segunda metade do século XX. E o fazem com fundamentos diferentes, herdados de quadros teóricos diversos, com que dialogam - a lógica e a filosofia da linguagem, a antropologia estrutural, os estudos cognitivos, a psicanálise lacaniana, o materialismo histórico, entre outros - e com graus de formalização e de estabilização dos objetos também diferentes.” (Barros, 1999: 181-199)

Pour résumer, on pourrait dire que les recherches sur le discours impliquent une interaction permanente entre deux grands principes de groupement des chercheurs :

- En premier lieu, des groupements par disciplines du discours et par courants (intégrés ou non dans une discipline). Les chercheurs y partagent un certain nombre de postulats et de « ressources » conceptuelles et méthodologiques ; il reste néanmoins entendu que ce « partage » est plutôt à penser sur le mode de l'air de famille wittgensteinien que sur celui des conditions nécessaires et suffisantes pour appartenir à une classe.

- En second lieu un groupement par territoires, qui lui-même peut se faire à deux niveaux distincts : a) des groupements de linguistes du discours qui ne relèvent pas des mêmes courants ou disciplines ; b) des groupements entre linguistes du discours et chercheurs d'autres domaines.

Ces divers modes de groupement produisent un paysage confus et instable. En outre, on ne saurait oublier qu'un certain nombre de travaux d'orientation descriptive ne relèvent ni d'une discipline ni d'un courant, ni d'un territoire, mais peuvent être exploités par de multiples disciplines, courants ou territoires. Il en va de même pour les travaux qui portent sur les « ressources » communes aux linguistes du discours (ainsi certaines études sur la thématisation, les connecteurs, la polyphonie, etc.). (Maingueneau, 2005: 8).

Este mesmo autor (1995: 8) listou 7 fatores que conduzem à diversificação das pesquisas em análise do discurso: (i) a heterogeneidade das tradições científicas e intelectuais em que entroncam, (ii) a diversidade das disciplinas de apoio: no cruzamento dos diversos campos das ciências humanas, a análise do discurso assume perfis muito variados segundo o(s) campo(s) que lhe fornece(m) impulso, (iii) a diversidade dos posicionamentos (“escolas”, “correntes”), com os seus respetivos fundadores e propostas terminológicas específicas, (iv) os tipos de *corpora* privilegiados, (v) o aspeto da atividade discursiva relevado, (vi) a orientação aplicada ou não da pesquisa, (vii) a disciplina de filiação dos analistas (um historiador ou um sociólogo que

recorram à análise do discurso verão inevitavelmente nela um instrumento ao serviço de uma dada interpretação).

A indefinição de fronteiras mantém-se, na atualidade, entre domínios científicos consensualmente reconhecidos pelas Ciências da Linguagem. A Análise do Discurso, a Linguística de Texto, a Sociolinguística Interacional e a Pragmática mantêm muitas zonas de sobreposição. A própria conceção das unidades que cada domínio estuda (enunciado, ato de fala, texto, discurso) varia, favorecendo estas zonas de interface.¹⁵

1.3 A Análise do/de Discurso: domínio científico ou metodologia?

Diretamente relacionada com a génese e a história da área, referida na secção anterior, surge a possibilidade de conceção da Análise do Discurso (AD) ora como uma área científica *per se* (aceção 1), ora como uma metodologia de pesquisa, usada em domínios científicos diversos (aceção 2).¹⁶

Como área científica (aceção 1)¹⁷, num sentido mais estreito, a Análise do Discurso tem um cabimento tendencial na área mais

¹⁵ Enquanto para alguns autores o *texto* e o *discurso* são unidades diferentes, para outros, elas (con)fundem-se, manifestando, pelo menos, zonas de coincidência. Para Fonseca, o *texto/discurso* constituem uma unidade, que o autor apresenta como una e indivisível, levando-o a propor uma Linguística do Texto ou do Discurso (1992: 267).

¹⁶ As próprias formas gráficas da designação variam, não só na letra maiúscula e minúscula, como também no uso da preposição *de* ou *do* a ligar os dois nomes que a integram: “análise de/do discurso”. Uma procura em motores de busca em linha devolve mais ocorrências da expressão com a contração da preposição “de” e o determinante artigo definido “o” (“do”), mas a versão com a preposição “de” também ocorre. As duas parecem ser genericamente intercambiáveis, mas as ocorrências ortográficas de “Análise do Discurso” surgem, tendencialmente, relacionadas com a aceção (1) e as ocorrências ortográficas da expressão “análise de discurso” surgem, tendencialmente, relacionadas com a aceção (2).

¹⁷ As classificações da área da AD como “campo, domínio, disciplina”, feita de diferentes “escolas, correntes, abordagens” não são despidiendas e mereceriam um aprofundamento. Maingueneau salienta que a noção de “campo de estudo”

vasta das Ciências da Linguagem (CL), na medida em que ela estuda uma das unidades da linguagem humana – o *discurso* – à semelhança do que fazem outros domínios das CL com outras unidades, como os sons, as palavras e as frases. A AD analisaria e descreveria os princípios de organização e funcionamento da unidade *discurso*, a sua estrutura gramatical, semântica, sintática, pragmática, retórica, textual, argumentativa, funcional e praxiológica. Pode contribuir para formalizar os princípios gerais subjacentes à unidade *discurso*; os princípios particulares subjacentes a um modo, tipo ou género de discurso; ou ainda os efeitos do discurso na sociedade, focalizando o discurso como prática social.¹⁸

Como metodologia de pesquisa (secção 2), a Análise de Discurso é usada transversalmente por muitas ciências, sobretudo, mas não só, Ciências Sociais e Humanas, como é o caso das Ciências da Comunicação, da Ciência da Informação, da Psicologia, da Sociologia, entre outras. Nesta última aceção, a análise de discurso estabelece fronteiras difusas com a Análise de Conteúdo, sendo entendida como uma forma de análise documental, normalmente qualitativa, concentrada na identificação de temas e outros padrões

pode ser enganosa: “la notion même de « champ » de recherches apparaît excessive, dans la mesure où elle implique à tort qu'il existerait un territoire compact et homogène, celui du « discours », passible d'approches diverses opérant sur un même plan. En réalité, on a affaire à des configurations variables: les mêmes recherches ont un statut différent selon qu'on les inscrit, à des titres divers, dans le champ de la sociologie, de l'anthropologie, de la linguistique, de la psychologie sociale...” (Maingueneau, 1995: 6). Por outro lado, ainda, a perspectiva das “correntes” de análise dentro do domínio/área/disciplina/campo de estudos da AD implica que cada uma delas compreende uma conceção determinada (i) do discurso; (ii) da finalidade do seu estudo; (iii) dos métodos pertinentes para o analisar. (Maingueneau, 2007: 19). Será necessário tomar decisões também relativamente a esta profusão de designações, já que as mesmas apontam para diferentes estatutos da área de estudos e das suas subdivisões. Este eixo não foi objeto de análise minuciosa no presente trabalho.

¹⁸ Simplifico, propositadamente, os conceitos, de forma a alcançar um espaço comum de pesquisa, que, neste momento, me interessa realçar.

no conteúdo de documentos, podendo coexistir com outras técnicas de pesquisa no trabalho de um mesmo investigador.

Verificamos, assim, que o *discurso* pode ser visado como objeto de estudo válido por várias áreas científicas, embora sejam as Ciências da Linguagem que se concentram em compreender os seus princípios de organização e funcionamento. Outras áreas científicas, tais como as já citadas Ciências da Comunicação, Sociologia, Filosofia, Psicologia, ou ainda o Direito e a Educação, usam o discurso como instrumento para a extração de dados relevantes em estudos de índole vária. Note-se que a Análise do Discurso (aceção 1) se diferencia, neste contexto, por usar o discurso (instrumento) para compreender o discurso (objeto científico).

Maingueneau destaca, a este propósito, que a Análise do Discurso não tem por objeto nem a organização textual em si mesma, nem a situação de comunicação, mas, sim, o dispositivo de enunciação que associa uma organização textual e um lugar social determinados:

L'intérêt qui gouverne l'analyse du discours, ce serait d'appréhender le discours comme intrication d'un texte et d'un lieu social, c'est-à-dire que son objet n'est ni l'organisation textuelle ni la situation de communication, mais ce qui les noue à travers un dispositif d'énonciation spécifique. Ce dispositif relève à la fois du verbal et de l'institutionnel : penser les lieux indépendamment des paroles qu'ils autorisent, ou penser les paroles indépendamment des lieux dont elles sont partie prenante, ce serait rester en deçà des exigences qui fondent l'analyse du discours. (Maingueneau, 2005: 3)

Nesta formulação, Maingueneau reforça que é a triangulação entre as propriedades estruturais do discurso, o dispositivo da enunciação que o origina e o contexto social em que se insere que distingue a Análise do Discurso face a outras abordagens similares, que focalizam apenas um dos ângulos referidos (as propriedades textuais em si mesmas ou o contexto social, por exemplo).

A focalização do *discurso* como objeto poderá, assim, funcionar como um dos aspetos distintivos da área científica da Análise do Discurso, face a outros alargamentos, resultantes da aplicação dos métodos e modelos de análise por ela gerados a outras áreas e a outros problemas. Um tal alargamento resultou na diversidade de abordagens, consensualmente reconhecida na área. Schiffrin, Tannen e Hamilton (2015: 1) conceptualizam esta abrangência da seguinte forma:

Research in the rapidly growing and evolving field of discourse analysis flows from numerous academic disciplines that are very different from one another. Included, of course, are the disciplines in which models for understanding, and methods for analyzing, discourse first developed, such as linguistics and anthropology. But also included are disciplines that have applied, and extended, such models and methods to problems within their own academic domains, such as communication, cognitive psychology, social psychology, philosophy, literary criticism, and artificial intelligence. Given this disciplinary diversity, it is no surprise that the terms “discourse” and “discourse analysis” have different meanings to scholars in different fields.

A título de exemplo, Antaki *et alii* (2003), no interessante artigo onde compendiam seis falhas de análise frequentemente cometidas em Análise do Discurso¹⁹, ilustram bem esta indefinição entre a AD como área científica e como técnica de investigação.

Os autores começam por constatar a dispersão existente na área:

At the same time, there has been a proliferation of forms of discourse analysis. The geography of the discourse terrain is complex, with widely disparate assumptions being made about fundamental topics such as

¹⁹ Registo o título do artigo em inglês que revela bem o objetivo dos autores: "Discourse Analysis Means Doing Analysis: A Critique of Six Analytic Shortcomings" (Antaki *et alii*, 2003: 1)

method, theory, the nature of discourse, the nature of cognition, and the nature of social structure. (Antaki *et alii*, 2003: 4)

E prosseguem, explicando seis falhas que os investigadores de diferentes áreas científicas cometem quando aplicam a metodologia de análise do discurso nas suas áreas de investigação, salvaguardando que a Análise do Discurso é mais do que apenas aplicar técnicas ou ferramentas analíticas a dados de natureza discursiva.

1.4 Análise do Discurso: análise, descrição e crítica.

Como referido acima, a orientação para objetivos distintos instaura uma diferença importante entre correntes nos Estudos do Discurso. Jaworski e Coupland (1999: 1-3) compendiam dez definições de *discurso* num conjunto de estudos clássicos na área. Subjacentes à dispersão, os autores encontram três grandes conjuntos de definições: (1) as que entendem *discurso* como todas as unidades linguísticas para além da frase, (2) as que entendem *discurso* como sinónimo de “usos linguísticos” e (3) as que entendem *discurso* como um leque vasto de práticas sociais, o que inclui manifestações linguísticas e não linguísticas.

Como vimos na secção 1.2, os estudos podem orientar-se para a reconstituição de princípios gerais da unidade *discurso*, ou particulares, de um modo, tipo ou género de discurso; podem, ainda, focalizar o discurso como prática social, elaborando uma análise crítica dos seus efeitos na sociedade. Dependendo dos objetivos das pesquisas, a uma relevância científica, em si mesma socialmente válida, soma-se uma relevância social, que as correntes críticas da Análise do Discurso almejam atingir²⁰.

²⁰ A tradução para português da designação *Critical Discourse Analysis (CDA)*, que alguns autores assumem como *Análise Crítica do Discurso* e, outros, como *Análise do Discurso Crítica* é uma discussão produtiva que não se limita a considerar as duas variantes como alternativas com uma reordenação de palavras. Remeto para a obra de Resende e Ramalho, 2006, de referência nesta área, que opta pela segunda opção. As alternativas “Análise do Discurso” e “Estudos do Discurso”,

Van Dijk (2015: 467) resume da seguinte forma as principais características dos estudos críticos do discurso:

Critical research on discourse has the following general properties, among others:

. It focuses primarily on social problems and political issues rather than the mere study of discourse structures outside their social and political contexts.

. This critical analysis of social problems is usually multidisciplinary.

. Rather than merely describe discourse structures, it tries to explain them in terms of properties of social interaction and especially social structure.

. More specifically, CDA focuses on the ways discourse structures enact, confirm, legitimate, reproduce, or challenge relations of power abuse (dominance) in society.

Assim, esta abordagem crítica, não deixando de relevar as estruturas discursivas, põe em evidência a forma como estas estruturas veiculam, confirmam, legitimam, reproduzem ou contestam as relações de poder na sociedade, com o objetivo de intervir e promover mudanças em direção a uma sociedade mais justa e igualitária. O próprio van Dijk (2015: 466) declara esta natureza civicamente ativa do movimento:

With such dissident research, critical discourse analysts take an explicit position and thus want to understand, expose, and ultimately challenge social inequality. This is also why CDA may be characterized as a social movement of politically committed discourse analysts.

como referi no início do capítulo, não são também sinónimas. Van Dijk (2015: 466) manifesta a sua preferência pela segunda, justificando a sua opção: "(...) to emphasize that many methods and approaches may be used in the critical study of text and talk, we now prefer the more general term critical discourse studies (CDS) for the field of research." Assim, quer se trate de Estudos do Discurso, quer se trate de Estudos do Discurso Críticos, estas expressões pressupõem sempre um alargamento do campo de estudos inicial da Análise do Discurso.

Estas declarações confirmam o grande eixo de diversidade nos estudos do discurso que figura como tópico da presente secção, separando duas formas de concretizar a análise do discurso na contemporaneidade: as abordagens que colocam em primeiro plano a análise e descrição das estruturas discursivas, em si mesmas, e as abordagens que visam relacionar criticamente as estruturas discursivas com formações ideológicas e práticas sociais.²¹

Importa dizer que, sendo obviamente diferentes, ambas as formas de praticar análise do discurso são válidas e relevantes: tanto aquelas que se concentram na descrição dos princípios de organização e funcionamento dos discursos, como aquelas que se concentram na crítica sobre os efeitos sociais de uma determinada organização e funcionamento discursivo.

Ambas contribuem para a desmontagem e, portanto, para o conhecimento dos princípios que subjazem a uma dada organização discursiva e, logo, de uma forma mais ou menos direta, ambas podem contribuir para uma visão crítica e potencialmente transformadora de uma dada organização discursiva. O movimento crítico dos Estudos do Discurso, evidenciando os discursos como práticas sociais, coloca o conhecimento sobre a organização e funcionamento discursivo ao serviço de um posicionamento crítico e potencialmente transformador da própria sociedade.

Por outras palavras, são perspetivas que se incrementam mutuamente e que beneficiam de uma corrente de diálogo mais forte entre si.²²

²¹ Van Dijk relata a existência deste fosso que, segundo ele, deveria ser ultrapassado no âmbito dos Estudos do Discurso Críticos: "(...) there is still a gap between more linguistically oriented studies of text and talk and the various social and political approaches. The first often ignore concepts and theories in sociology and political science on power abuse and inequality, whereas the second seldom engage in detailed discourse analysis. Integration of various approaches is therefore very important to arrive at a satisfactory form of multidisciplinary CDA." (van Dijk, 2015: 479)

²² As correntes críticas dos Estudos do Discurso não deixam de ser alvo de reservas. Wilson alude a algumas delas da seguinte forma: "CDA has been criticized for its

1.4.1 Uma aplicação

Neste apartado fornecerei dois exemplos de estudos que materializam as orientações diferentes descritas na secção 1.4, a saber, uma tendência de análise que coloca em primeiro plano a descrição de uma dada organização discursiva e uma tendência de análise que se orienta para uma visão crítica do funcionamento discursivo como veículo de estereótipos, poder e dominação. Ilustrarei a partir de um estudo sobre decisões judiciais em casos de violência doméstica.

1.4.1.1 Foco na descrição da organização discursiva

Um estudo do domínio da Análise do Discurso com foco nos princípios de organização discursiva pode eleger como tema: “Os mecanismos de modalização (intensificação) em sentenças judiciais: inventário e usos”. Usando categorias de análise de origem semântico-pragmática, como as da modalização e intensificação, este estudo fará o levantamento e análise dos mecanismos linguísticos utilizados neste género de discurso para modalizar, elevando, a força dos enunciados.

Considerem-se os exemplos abaixo, extraídos de um *corpus* de decisões judiciais²³:

claim to use linguistic analysis to confirm forms of power abuse. Widdowson (1995, cited in Stubbs 1997: 4) argues that because of its critical orientation CDA is “essentially sociological or socio-political rather than linguistic.” And it is also possible that the political critique of political discourse for political purposes becomes a form of political discourse itself.” (Wilson, 2015: 781).

²³ O *corpus* que refiro neste apartado foi constituído para o estudo de Pinto *et alii* (2021), sendo composto por excertos de decisões de Tribunais de Segunda Instância em casos de violência doméstica, extraídos da Base de Dados Jurídico-Documentais, disponível para consulta pública em: <http://www.dgsi.pt/>. Os excertos foram extraídos de cinco acórdãos, que cobrem um intervalo temporal entre 2007 e 2018 e que provieram do Tribunal da Relação do Porto, do Tribunal da Relação de Lisboa e do Supremo Tribunal de Justiça de Portugal. A recolha dos exemplos correspondeu a uma amostragem não-casual e por conveniência, na

- (1) Percebe-se facilmente (...) que os factos descritos nos nºs 1 a 3 não têm **qualquer** significado para a medida da culpa dos arguidos. (TRP-Processo 355/15.2 GAFLG.P1 de 11 out. 2017)
- (2) Não merece, pois, **qualquer** reparo (...) o juízo probatório e valorativo efectuado pelo tribunal. (TRP-Processo 353/17.1SLPRT. P1 de 31 out. 2018)
- (3) A opção do tribunal (...) não é, por si só, merecedora de **qualquer** reparo ou crítica. (TRP-Processo 353/17.1SLPRT. P1 de 31 out. 2018)
- (4) Os arguidos não têm **qualquer** percurso criminal. (TRP-Processo 3897/16.9JAPRT.P1 de 27 jun. 2018)²⁴

Nos enunciados transcritos, integrados num *corpus* mais alargado, poderá ser identificado um padrão discursivo relacionado com o uso do quantificador *qualquer* destacado a negrito. Nesse padrão ressalta o efeito intensificador do quantificador, ligado à sua essência semântica, que anula outras hipóteses de interpretação das proposições para além da apresentada no enunciado.

Como comprova este caso, algumas categorias de análise “superpotentes” do objeto *discurso* provêm de outras áreas (muitas vezes das Ciências da Linguagem, mas não só). No exemplo considerado, as categorias da modalidade e modalização são, especialmente, desenvolvidas pela Semântica, que inventaria os tipos de modalidade e os processos de modalização e os associa a valores basilares.²⁵ Por sua vez, a Pragmática e a Análise do

medida em que foram utilizados acórdãos que, depois de uma análise prévia, revelaram a existência de pontos de vista tendenciosos. Os resultados não se pretenderam representativos, mas, tão somente, ilustrativos, uma vez que a seleção de casos obedeceu a critérios de relevância para o estudo.

²⁴ Os acórdãos encontram-se referenciados quanto ao tribunal de que provêm, à identificação processual e à data.

²⁵ De acordo com Oliveira e Mendes pode falar-se em modalização “quando ocorre uma reinterpretação da força modal de um enunciado de mais forte para menos forte no âmbito do mesmo domínio modal”. Contudo, segundo as mesmas autoras, uma forma mais lata abarca também o movimento inverso de reinterpretação da força modal de um enunciado de menos forte para mais forte no âmbito do mesmo domínio modal. (Oliveira e Mendes, 2013: 629-630).

Discurso estudam a manifestação e o comportamento destas categorias em usos autênticos, complementando, assim, as propostas da Semântica.

O estudo exemplificado concentra-se na **descrição** dos princípios de organização e funcionamento do discurso, aprofundando o conhecimento da organização argumentativa nas sentenças judiciais. Simultaneamente, por via do tensionamento entre a teoria e a prática discursiva, ele alarga o inventário e os valores dos mecanismos de modalização, normalmente considerados pela descrição gramatical. No exemplo reportado, o quantificador *qualquer* apresenta-se como um mecanismo de intensificação da força modal epistémica, reforçando o grau de certeza e de compromisso do enunciador face ao dito. Este padrão é evidente nos usos exemplificados, muito embora o operador *qualquer* não seja, prototipicamente, referido nas descrições gramaticais tradicionais como um mecanismo de modalização-intensificação.

1.4.1.2 Foco na crítica dos efeitos sociais do discurso

Em contrapartida, um estudo do domínio da Análise do Discurso com foco nos efeitos sociais dos discursos poderia eleger como tema “Os mecanismos de intensificação em sentenças judiciais de violência doméstica contra a mulher: a desculpabilização do agressor e a culpabilização da vítima.” Usando as mesmas categorias de análise de origem semântico-pragmática mencionadas acima, este estudo identificaria os mecanismos linguísticos utilizados neste género de discurso para intensificar a força dos argumentos, com o intuito de desmontar uma dada organização discursiva, denunciar a manifestação de uma linguagem tendenciosa e criticar os efeitos sociais da mesma.

Em enunciados como os seguintes, extraídos do mesmo *corpus* de decisões judiciais referido acima, o efeito intensificador do quantificador *qualquer* contribui ora para a desculpabilização do agressor, ora para a culpabilização da vítima:

(5) Ao arguido não é conhecida **qualquer** condenação criminal, seja por factos anteriores ao crime em causa, seja por factos posteriores, sendo que tem a sua vida familiar e profissional estabilizadas. (TRP-Processo 07 14613 de 7 nov. 2007)

(6) (...) as sucessivas iniciativas de M., **qualquer** delas, sem **qualquer** dúvida, tendente a provocar o relacionamento sexual com o arguido (...) (...) (TRC-Processo 56/19.2JAGR.D.C1 de dez. 2020)

(7) Mas não se provou que dele resultasse para a ofendida **qualquer** sofrimento agudo, sendo que não só se não apurou o sentido deste “marcar-te a cara”, como ela não viu nessa expressão **qualquer** ameaça de mal físico (...). (TRP-Processo 07 14613 de 7 nov. 2007)

A frequência deste operador no *corpus* em causa, em cotextos idênticos aos dos enunciados referidos, habilita-nos a estabelecer uma relação entre o elemento linguístico e a sua função no discurso, remetendo para a identificação de um padrão de funcionamento. Este padrão exibido pelo *qualquer* no género em causa decorre da natureza semântica do quantificador, que permite operar uma elevação da força modal epistémica e da força ilocutória assertiva dos argumentos em que é aplicado. Ora, é também possível estabelecer uma relação entre o uso do *qualquer* nestas construções discursivas, extraídas de acórdãos judiciais de violência contra a mulher, e certas constantes semântico-axiológicas e ideológicas destes acórdãos. Estas constantes apontam para uma minimização da culpa do agressor e uma maximização da culpa da vítima, sendo construídas com base em estereótipos de identidade e de relação entre homem e mulher, que o discurso judicial confirma e perpetua. O discurso é uma das formas privilegiadas de manutenção ou de contestação dos estereótipos, sendo os estudos do discurso a única forma de expor esta ligação: “Research on biased language use reveals the communicative and linguistic processes through which stereotypes are formed and maintained.” (Beukeboom & Burgers, 2017: 2)

Um estudo como o exemplificado brevemente acima concentra-se na **explicação e crítica** de uma dada organização discursiva, neste caso em acórdãos judiciais, expondo a forma

como a mesma dissemina crenças como a naturalização da violência física contra a mulher, no interior de relacionamentos íntimos, a corresponsabilização da mulher na violência exercida sobre ela e também a descredibilização da sua voz na construção do testemunho. Estes *bias* ou enviesamentos, correspondendo a categorizações coletivas de fenômenos sociais e dos seus atores, são, muitas vezes, perpetuados pelos discursos institucionais, como é o caso das sentenças judiciais em análise.²⁶

Recorro às palavras de Nascimento (2017: 9), para sintetizar alguns dos *bias* ou pontos de vista tendenciosos, que poluem a avaliação de casos de violência contra a mulher (nomeadamente em casos de violação):

Comportamentos comumente associados à Cultura do Estupro incluem a culpabilização da vítima; a objetificação sexual da mulher; a segregação de gênero; a crença em mitos do estupro, ou seja, crenças estereotipadas e preconceituosas sobre as razões de estupros, estupradores e vítimas; a descrença na voz da vítima; a trivialização do estupro ou a negação deste; a recusa em reconhecer o dano causado à vítima por algumas formas de violência sexual; a apatia das instituições ao lidar com o crime, ou a combinação entre esses comportamentos.

Este tipo de estudo visa, em suma, denunciar um fenômeno social que tem expressão discursiva; expor a forma como o discurso contribui para a perpetuação de identidades e relações desiguais e assumir uma posição ativa na promoção de mudanças sociais. No

²⁶ Veja-se a propósito desta problemática, o artigo de Pinto *et alii*, 2021, onde se analisam outros mecanismos discursivos para além do quantificador *qualquer*. Partindo de uma perspetiva linguística, a discriminação de gênero já foi abordada em trabalhos anteriores da autora, tanto no que diz respeito a decisões judiciais (Pinto, 2021), como no discurso mediático (Marques *et alii*, 2019), a par de outras formas de enviesamento (Pinto, 2016). A seleção dos exemplos com o quantificador *qualquer* no presente trabalho serviu o objetivo, espero que alcançado, de ilustrar de forma resumida dois tipos de estudo distintos em Análise do Discurso.

caminho desta denúncia, encontram-se as construções discursivas, que, por serem discursivas, são sociais e, logo, ideológicas, sendo os veículos dos conteúdos tendenciosos a expor.

Por causa do alargamento metodológico e teórico que as correntes críticas dos Estudos do Discurso trouxeram consigo, Wodak e Meyer (2009: 2) veem a CDA como uma tendência disciplinar que puxa o "linguístico" para um "patamar multidisciplinar e multimetodológico", muito embora a gramática continue a ser uma ferramenta central na explicação de como a ideologia, o poder e a dominação se constituem através de estruturas linguísticas.

2. Análise do Discurso: Unidade

Na reflexão presente, interessou-me sobretudo a perspectiva da AD e dos ED como uma área científica que, não obstante as diferenças internas entre as correntes de pensamento, elege como denominador comum o objeto de estudo que é o *discurso*. Deixo, por isso, de lado, a conceção da AD como metodologia de pesquisa, usada por muitos domínios científicos.

Comecei a presente reflexão exprimindo como a dispersão, com a qual os pesquisadores da área diariamente convivem, é um fator que me inquieta. Inquieta-me de cada vez que, em cada novo ano, me sento à frente de um grupo de estudantes numa aula de Análise do Discurso. Coloco-me sempre as mesmas perguntas: Como começar? Por onde começar? Como deixar aos estudantes uma perspectiva abrangente, mas, ao mesmo tempo, minimamente, coesa, da área? Como não os fechar, juntamente comigo, num único dos muitos enquadramentos possíveis? Como conciliar uma visão aberta e inclusiva com uma visão minimamente "arrumada" da área? Como não os assustar com o excesso de dispersão? Como não os limitar com a eleição de uma corrente em detrimento de outras?

Estas questões tornam-se relevantes, porque a dispersão que se vive na área dificulta a interiorização de uma visão compreensiva dos Estudos do Discurso, por parte dos estudantes,

sobretudo os que estão em fase de iniciação. Essa dificuldade gera entropia e alguma “surdez” para com propostas e contributos científicos de “escolas” diferentes, impedindo os investigadores de apreenderem a relevância daquilo que diz um “outro”, que se integra numa escola diferente da “minha”. Para que um estudo filiado num dado enquadramento teórico se torne relevante para uma escola de um outro enquadramento teórico, tem de haver uma espécie de “tradução”, conceptual e metodológica, trabalhosa e nem sempre viável. Um dos domínios em que esta dispersão se manifesta é o da terminologia, abundante, divergente, eu acrescentaria, excessiva.

É verdade que o posicionamento dos trabalhos em enquadramentos definidos acrescenta rigor, identidade e coerência de análise aos mesmos. Mas, também é verdade que o fechamento de alguns enquadramentos ao diálogo com perspectivas vizinhas não só prejudica uma leitura mais clarividente do objeto de análise *discurso*, como também perpetua as divisões que se vivem na área, formando pesquisadores futuros que pensam que a Análise do Discurso se esgota apenas numa das suas correntes de pensamento.

Embora detete e conviva com a situação que expus ao longo do presente capítulo, tenho de admitir que não tenho uma solução boa para a questão. Tenho, talvez apenas, uma resposta parcial.

A resposta parcial é a inclusão, na formação dos jovens estudantes em Análise do Discurso dos vários níveis de ensino, de uma visão, mais ou menos aprofundada²⁷, da diversidade de propostas teórico-metodológicas na área. Esta exposição à diversidade de perspectivas, por vezes incompreendida pelos estudantes, ocorre em paralelo com o reforço dos denominadores comuns entre as diferentes abordagens.

²⁷ Um aprofundamento da perspetivação histórica e das correntes da Análise do Discurso apenas está ao alcance de alguns níveis de ensino mais avançados. Por exemplo nas licenciaturas em que a Análise do Discurso é uma unidade curricular semestral, esta perspetivação mais aprofundada é limitada pelas restrições temporais.

Para além de uma breve perspetivação histórica e de um panorama das tendências de análise contemporâneas, tento também expor os estudantes a estudos aplicados de mais do que uma orientação teórica, insistindo sempre no que separa e no que une as diferentes orientações.

Por outro lado, ensaio sempre uma caracterização compreensiva das propriedades do objeto de estudo que une as várias “escolas”: o *discurso*. Nas propriedades essenciais do *discurso* (subjetividade, forma de ação, interatividade, heterogeneidade...) encontro um território consensual e uno.

É, pois, desta forma que ensaio uma resposta possível, ainda que não satisfatória, para a conciliação entre a **Diversidade** e a **Unidade** na área científica da Análise do Discurso e para o fortalecimento da **Unidade** na **Diversidade**, que julgo ser o eixo mais fraco deste binómio.

Um fortalecimento da Unidade na Diversidade passaria por um maior diálogo entre as correntes, que viesse a atenuar a dispersão e a potenciar uma maior convergência, nomeadamente conceptual e terminológica.

Conclusão

Como ficou claro ao longo da exposição, a aceção de *Análise do Discurso* que privilegiei neste estudo foi a aceção de subárea da Linguística que se ocupa do estudo da unidade *discurso*. A Análise do Discurso, no sentido exposto acima, tem um percurso histórico e uma identidade, que procurei traçar neste trabalho. Não é sinónimo de Análise de Conteúdo; não se resume apenas a uma ou outra das “escolas” que nela coexistem e, sobretudo, não significa fazer “análise de discursos”, embora fazer análise de discursos, seguindo metodologias e usando categorias de análise preconizadas pela Análise do Discurso, seja uma das principais atividades empreendidas nesta área do conhecimento.

A complexidade do *discurso* como objeto científico, a sua projeção em níveis de análise diferenciados, a sua constante

evolução em resposta a fatores sociais, culturais e históricos e a génese multidisciplinar da área que o estuda justificam a proliferação de correntes na Análise do Discurso.

A maior parte dos especialistas aceita como um facto natural esta diversidade epistemológica de um campo do saber que se constituiu progressivamente a partir dos anos 60 do século XX, por meio da convergência de correntes oriundas de lugares diversos. Schiffrin, Tannen e Hamilton (2015: 5) veem nesta heterogeneidade não uma fraqueza, mas, sim, uma força:

Our own experiences in the field have led us to the conviction that the vastness and diversity of discourse analysis is a strength rather than a weakness (...) Far from its being a liability to be lamented because of the lack of a single coherent theory, we find the theoretical and methodological diversity of discourse analysis to be an asset.

No presente estudo, procurei traçar alguns dos contornos desta diversidade, embora também salientar alguns dos eixos comuns aos vários espaços de pesquisa. Terminarei com uma citação de Maingueneau que julgo apreender muito bem a “falha constitutiva”²⁸ que caracteriza o domínio científico em análise e o seu objeto de estudo, uma “falha” originária e incontornável, que temos de aprender a integrar, ensinar a aceitar e, já agora, aproveitar da melhor forma possível:

La société est parcourue d’agrégats de paroles agissantes auxquels qu’on ne peut assigner à un lieu. Force est donc de s’accommoder de l’instabilité d’une discipline qui est creusée par une faille constitutive. Il paraît impossible de faire la synthèse entre une démarche qui s’appuie sur des frontières et une approche qui les déjoue : cette dernière se nourrit des limites par laquelle la première

²⁸ Interpreto o uso de “falha” nesta citação de Maingueneau (2005: 11) como um uso metafórico de falha geológica, proveniente de uma fratura entre superfícies, devido a forças de pressão no interior das mesmas. À semelhança da falha geológica, a “falha constitutiva” da AD decorre da sua génese, não é um defeito, mas, sim, um feito, resultante da sua natureza e essência.

s'institue. Entre les deux il y a une asymétrie irréductible. Le sens est frontière et subversion de la frontière, négociation entre des lieux de stabilisation de la parole et des forces qui excèdent toute localité. (Maingueneau, 2005: 11)

Referências

- ANTAKI, C., BILLIG, M.G., EDWARDS, D. AND POTTER, J.A., (2003). **Discourse Analysis Means Doing Analysis: A Critique of Six Analytic Shortcomings**, *Discourse Analysis Online*, 1 Disponível em: <http://www.shu.ac.uk/daol/articles/v1/n1/a1/antaki2002002-paper.html>
- BARROS, D. L. P., (1999). **Estudos do Texto e do Discurso no Brasil**. DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada. Nº Especial. Vol.15, 183-199.
- BEUKEBOOM, C. & BURGERS, C., (2017). **Linguistic bias**. In Giles, Howard & Harwood, Jake (eds.) *Oxford Research Encyclopedia of Communication*. United States: Oxford Research Encyclopedias, Oxford University Press, pp. 1-21. <https://doi.org/10.1093/acrefore/9780190228613.013.439>
- CAMERON, D., (2001). **Working with spoken discourse**. London: Sage Publications.
- CHARAUDEAU, P. E MAINGUENEAU, D., (2016 [2004]). **Dicionário de Análise do Discurso**. 3ªed. São Paulo: Contexto. (Tradução de Charaudeau, P. e Maingueneau, D. (2004). *Dictionnaire d'Analyse du Discours*. Paris: Éditions du Seuil).
- FAIRCLOUGH, N., (2001). **Critical and descriptive goals in discourse analysis**. *Journal of Pragmatics*. 9, 739–763.
- FONSECA, J., (1992). **Linguística e Texto/Discurso. Teoria, Descrição, Aplicação**. Lisboa: ICALP.
- FONSECA, J. & FONSECA, F. I., (1977). **Pragmática linguística e ensino do português**. Coimbra: Almedina.
- JAWORSKI, A. & COUPLAND, N. (eds.), (1999). **The Discourse Reader**. London e New York: Routledge.

- MAINGUENEAU, D., (1995). **Présentation**. *Langages*. Paris: Larousse, v.117, p. 5-11.
- MAINGUENEAU, D., (2005). **L'analyse du discours et ses frontières**. *Marges linguistiques*. 9, Mai 2005. M.L.M.S. Éditeur. P. 1-12. Disponible en <http://www.marges-linguistiques.com>
- MAINGUENEAU, D., (2006). **Análise do Discurso – uma entrevista com Dominique Maingueneau**. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. Vol. 4, Nº. 6. Disponível em <http://www.revel.inf.br/files/entrevistas/revel_6_entrevista_maingueneau_port.pdf>.
- MAINGUENEAU, D., (2007). **A análise do discurso e suas fronteiras**. *Matraga*. Vol.14, Nº. 20. Disponível em <<http://www.pglettras.uerj.br/matraga/matraga20/arqs/matraga20a01.pdf>>.
- MARQUES, A.; DUARTE, I. M., PINTO, A. G. E PINHO, C., (2019). **A construção da identidade da mulher em revistas do Estado Novo**. *Ex aequo*, (39), pp. 71–88.
- NASCIMENTO, A. L. T., (2017). **“Cultura do Estupro” e a culpabilização da vítima ou o arquétipo da Condessa Szemioth**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. Recuperado de <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/81094>
- OLIVEIRA, F. & MENDES, A., (2013). **Modalidade**. In. Eduardo Buzaglo Paiva Raposo *et alii*, *Gramática do Português*, vol. I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 623-669.
- PINTO, A. G., (2016). **A retórica do eu e do outro - the othering: A gramática da identidade no discurso político**. In Aquino, Z. & Segundo, P. R. G., *Estudos do Discurso: Caminhos e Tendências*. São Paulo: Editora Paulistana. (pp. 25-53). São Paulo: Paulistana.
- PINTO, A. G., (2021). **A construção da identidade da mulher num acórdão sobre violência doméstica**. *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*. (Especial), 27-46. doi:10.21747/16466195/lingespa2
- PINTO, A. G.; WARROT, C., LOPES CARDOSO, H., DUARTE, I. M., & SOUSA SILVA, R., (2021). **Deteção de linguagem**

- tendenciosa em decisões judiciais.** *Revista da Associação Portuguesa de Linguística.* (8), 203-217. doi:10.26334/2183-9077/rapln8ano2021a14
- RESENDE, V. M. E RAMALHO, V., (2006). **Análise de Discurso Crítica.** São Paulo: Contexto.
- ROULET, E., (1999). **Une approche modulaire de la complexité de l'organisation du discours.** In Nolke, H. & Adam, J.-M., (eds.), *Approches modulaires: de la langue au discours.* Lausanne: Delachaux & Niestlé.
- SCHIFFRIN, D.; TANNEN; D. AND HAMILTON, H., (2015). **The Handbook of Discourse Analysis.** Oxford/Massachusetts: Blackwell.
- VAN DIJK, T. A., (1985). **Introduction: Discourse analysis as a new cross-discipline.** In van Dijk, T. A. (ed.), *Handbook of Discourse Analysis.* Vol. 1., pp. 1-10. Academic Press.
- VAN DIJK, T. A., (2011). **Introduction: The Study of Discourse.** In *Discourse Studies: A Multidisciplinary Introduction* (2nd ed.). London: Sage. <https://doi.org/10.4135/9781446289068>
- VAN DIJK, T. A. (2015). **Critical Discourse Analysis.** In Schiffrin, D.; Tannen; D. and Hamilton, H., (eds). *The Handbook of Discourse Analysis.* Oxford/Massachusetts: Blackwell.
- WITTGENSTEIN, L., (1953). **Philosophical Investigations.** (Translated by G. E. M. Anscombe), London: Basil Blackwell.
- WILSON, J., (2015). **Political Discourse.** In Schiffrin, D.; Tannen; D. & Hamilton, H., (eds). *The Handbook of Discourse Analysis.* Oxford/Massachusetts: Blackwell.
- WODAK, R., & MEYER, M., (2009). **Critical Discourse Analysis: History, Agenda, Theory, and Methodology.** In R. Wodak, & M. Meyer (eds.), *Methods for Critical Discourse Analysis* (pp. 1, 33). London: Sage.